

# 1

O Palazzo Falconieri localiza-se num promontório junto de um dos mais pequenos lagos de Itália. Estamos em finais de junho e uma brisa leve toca os pinheiros e os ciprestes que se agrupam, como sentinelas, em redor da península rochosa. Os jardins são imponentes e talvez até bonitos, mas as sombras profundas dão ao lugar uma atmosfera sinistra, acentuada pelas linhas austeras do próprio Palazzo.

O edifício que fica de frente para o lago possui uma fachada repleta de janelas altas através das quais é possível vislumbrar cortinas de seda. A ala este, outrora um salão de banquetes, funciona agora como sala de conferências. Ao meio, sob um pesado candelabro *art déco*, existe uma mesa comprida, sobre a qual está disposta a escultura de bronze de uma pantera, de Bugatti.

À primeira vista, os 12 homens sentados em redor da mesa parecem normais. Bem-sucedidos, a julgar pela roupa cara que envergam. A maioria terá 50 e muitos ou 60 e poucos anos, com rostos que facilmente esqueceríamos. Há um certo estado de alerta entre eles, o que não é comum, ainda assim.

A manhã passa-se em discussão, que é conduzida em russo e em inglês, as línguas comuns a todos os presentes. Segue-se um almoço leve — as entradas, um prato de truta do rio, vinho Vernaccia fresco, figos e alperces —, servido no terraço. Após isto, os 12 homens servem-se de café, contemplam a vastidão do lago, que estremece ao sabor da brisa, e caminham pelo jardim. Não há seguranças por ali, porque a este nível de secretismo os seguranças, por si só, são um risco. Não demoram a regressar aos seus lugares na sala de conferências obscurecida. A agenda do dia é simplesmente intitulada de «EUROPA».

O primeiro orador é uma figura de tez escura e intemporal, de olhar profundo. Olha em redor.

— Esta manhã, meus senhores, discutimos o futuro político e económico da Europa. Conversámos, em particular, sobre o fluxo de capital e as melhores formas de o controlar. Durante esta tarde, quero falar-vos de uma economia diferente.

A sala obscurece-se e os 12 homens viram-se para encarar o ecrã na parede norte, que mostra uma imagem de um porto mediterrânico, de navios porta-contentores e guindastes de cavalete que transportam as mercadorias dos navios para terra.

— Palermo, meus senhores, é hoje o principal ponto de entrada de cocaína na Europa. É resultado de uma aliança estabelecida entre os cartéis de droga mexicanos e a máfia siciliana.

— Os sicilianos não tinham perdido toda a sua influência? — pergunta um homem pesado à esquerda do orador. — Tinha a ideia de que são os sindicatos do continente que gerem o negócio da droga nos dias de hoje.

— Costumava ser assim. Até há 18 meses, os cartéis negociavam sobretudo com a ‘Ndrangheta, da região italiana da Calábria, no sul do país. Mas, nos últimos meses, irrompeu uma

guerra entre os calabreses e um clã siciliano que está a ressurgir, os Grecos.

Surge um rosto no ecrã. Os olhos escuros e frios são observadores. A boca, um túmulo de aço.

— Salvatore Greco dedicou a sua vida ao renascimento da influência da sua família, que perdeu o lugar na estrutura de poder da Cosa Nostra na década de 1990, na sequência do assassinato do pai de Salvatore, levado a cabo por um membro da família Matteo, sua rival. Um quarto de século depois, Salvatore perseguiu e executou todos os membros sobreviventes dessa família. Os Grecos e os seus sócios, os Messinas, são as famílias mais ricas, poderosas e temidas de entre todos os clãs sicilianos. Salvatore é conhecido por ter matado, ele mesmo, pelo menos 60 pessoas, e por ter ordenado o assassinato de largas centenas. Hoje, aos 55 anos, o seu poder sobre Palermo e o narcotráfico é absoluto. As suas empresas, a nível mundial, rendem cerca de 20 a 30 mil milhões de dólares. Cavalheiros, ele é, praticamente, um de nós.

Uma gargalhada débil, ou coisa parecida, percorre a sala.

— O problema com Salvatore Greco não é a sua predileção pela tortura e pelo assassinio — continua. — Quando os mafiosos matam mafiosos, é como um sistema de limpeza autónoma. Mas mais recentemente, começou a ordenar o assassinio de membros do Estado. Até à data, registam-se as mortes de dois juízes e quatro magistrados seniores, todos mortos por bombas instaladas em carros, e de uma jornalista de investigação, que foi morta a tiro no mês passado, à entrada do seu apartamento. A jornalista estava grávida quando foi morta. A criança não sobreviveu.

Faz uma pausa e olha para o ecrã, que mostra a imagem da mulher morta, estendida de braços e pernas abertos no chão, numa poça de sangue.

— Escusado será dizer que não foi possível ligar diretamente Greco a nenhum destes crimes. A polícia foi subornada e ameaçada, as testemunhas, intimidadas. O código do silêncio, ou *omertà*, prevalece. Este homem é, para todos os efeitos, intocável. Há um mês, enviei um intermediário para agendar uma reunião com ele, pois senti que precisávamos de encontrar algum tipo de acordo. As suas atividades neste canto da Europa tornaram-se tão excessivas, que ameaçam causar impacto nos nossos negócios. A resposta de Greco foi imediata. No dia seguinte, recebi uma encomenda selada. — A imagem no ecrã muda. — Continha, como podem ver, os olhos, orelhas e língua do meu sócio. A mensagem era clara. Não há reunião, nem discussão, nem acordo.

Os homens em redor da mesa observam as imagens macabras durante um instante e depois voltam a focar-se no orador.

— Meus senhores, creio que temos de tomar uma decisão executiva com respeito a Salvatore Greco. É uma força perigosa e incontrolável, que está além do alcance da lei. As suas atividades criminosas, e a devastação social que provocam, ameaçam a estabilidade do sector mediterrânico. Proponho que o eliminemos do jogo, permanentemente.

Levantando-se da cadeira, o orador caminha até uma mesa de apoio e regressa com uma caixa antiga lacrada. Retirando do interior um saco com atilhos de veludo negro, derrama o conteúdo sobre a mesa à sua frente. São 24 pequenos peixes de marfim, 12 dos quais envelheceram, ganhando um tom amarelado, e os outros 12 foram manchados de um vermelho-sangue-escuro. Cada homem recebe um par de peixes.

O saco de veludo percorre a mesa no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Quando dá uma volta completa, é passado ao homem que propôs a votação. Mais uma vez, o conteúdo do

saco é despejado sobre a superfície da mesa, que brilha vagamente. Doze peixes vermelhos. Uma sentença de morte unânime.

Passaram-se 15 dias desde a decisão dos magnatas. Num final de tarde, em Paris, Villanelle está sentada a uma mesa na esplanada do Le Jasmin, um clube privado só para membros no 16.º *arrondissement*. De leste, chega-lhe o murmúrio do trânsito na Boulevard Suchet, a oeste fica o Bois de Boulogne e o hipódromo Auteuil. O jardim do clube é rodeado por uma treliça com jasmim em flor, cujo aroma enche o ar quente. A maioria das outras mesas está ocupada, mas a conversa é silenciosa. A luz desvanece-se, a noite aproxima-se.

Villanelle bebe um grande gole do seu martíni de vodca Grey Goose enquanto observa discretamente os arredores, prestando particular atenção ao casal da mesa ao lado. Ambos estão na casa dos 20 anos: ele com uma elegância despenteada, ela felina e soberba. Serão irmãos? Colegas? Amantes?

Com toda a certeza, não serão irmãos, decide. Existe entre eles uma tensão — uma cumplicidade — que é tudo menos de família. São seguramente ricos, ainda assim. A blusa de seda dela, por exemplo, é dourado-escura e condiz com os seus olhos. Não é nova, mas é Chanel. E estão a beber champanhe Taittinger *vintage*, que não sai barato no Le Jasmin.

Cruzando o olhar com o de Villanelle, o homem ergue a *flûte* de champanhe um ou dois centímetros no ar. Murmura algo à companheira, que lança um olhar frio e avaliador a Villanelle.

— Gostaria de se juntar a nós? — pergunta ela. É um desafio, bem como um convite.

Villanelle observa-a também, sem piscar os olhos. Uma leve brisa faz estremecer o ar perfumado.